

SOBRE O SORRISO E A IGNORÂNCIA: SENDAS DO ENSINO DE LITERATURA

ON SMILE AND IGNORANCE: PATHS OF LITERATURE TEACHING

Patricia Trindade Nakagome*
Universidade de Brasília - UnB

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre dois aspectos que se configuram no ensino de literatura como sendas, termo que é tanto caminho estreito quanto hábito, costume. O sorriso e a ignorância são elementos fundamentais a assentar o trajeto que une leitor e texto, mas podem passar despercebidos precisamente por estarem tão enraizados em nossas práticas de leitura. No entanto, quando a pandemia revira todo o conhecido, ambos ficam expostos como rastros de um cotidiano desaparecido. Nas aulas de literatura remotas, sentimos falta do sorriso oculto pelas máscaras e pelas câmeras desligadas e das dúvidas antes compartilhadas nos encontros e intervalos. A ausência daquilo que parecia secundário e natural nas aulas passou a exigir um novo modo de pensar a literatura, de ensinar e, além disso, de fazer pesquisa na área. Para refletir sobre isso, dialogamos especialmente com *O mestre ignorante* de Jacques Rancière (2002) e *On Not Knowing: How to Love and Other Essays* de Emily Ogden (2022) de modo a propor uma leitura de *O filho de mil homens* de Valter Hugo Mãe (2011), obra que ocupou lugar central nas aulas ocorridas durante a pandemia. A partir desse recorte, defendemos o sorriso e a ignorância como valiosas manifestações de vulnerabilidade e instrumentos de leitura tanto do texto quanto da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Ignorância. Sorriso. Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT: In this paper, it is presented a reflection on two aspects that are configured in the teaching of literature as "sendas", a term that is both a narrow path and a habit, a custom. The smile and ignorance are fundamental elements that establish the path that unites reader and text, but they can go unnoticed precisely because they are so rooted in our reading practices. However, when the pandemic overturns everything known, both are exposed as traces of a disappeared everyday life. In remote literature classes, we miss the smile hidden by masks and off cameras and the doubts previously shared in meetings and breaks. The absence of what seemed secondary and natural in the classroom began to demand a new way of thinking about literature, the role of the teacher and, moreover, the way of doing research in the area. To reflect on this, we dialogue especially with *The Ignorant Schoolmaster* by Jacques Rancière (2002) and *On Not Knowing: How to Love and Other Essays* by Emily Ogden (2022) in order to propose a reading of *O filho de mil homens* by Valter Hugo Mãe (2011), a book that occupied a central place in the classes that took place during the pandemic. From this perspective, we defend the smile and ignorance as valuable manifestations of vulnerability and tools for reading both the text and life.

KEYWORDS: Teaching. Ignorance. Smile. Valter Hugo Mãe.

* Professora Adjunta de Teoria da Literatura da UnB.

I

No 24 CONGRESSO DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UFES, alguns simpósios se voltavam ao ensino, dando um destaque a esse campo que não é comum aos eventos na área de Letras. Esse fato talvez seja indicativo do quanto todos, mesmo os que não estão ligados à investigação didática, foram colocados em questão enquanto professores durante a pandemia, tendo que rever a forma e o papel da aula e da literatura. Na inscrição, optei pelo simpósio “Reinventar el paisaje: otra cartografía posible de la enseñanza de la lengua y la literatura”, que tinha como proposta mapear textos que haviam sido incorporados ao arquivo escolar e as práticas que os acompanhavam. A reflexão sobre o espaço doméstico e o convite a imaginar novas possibilidades de ensino me atraíram ao único simpósio que não seria em português.

No dia de minha comunicação, pude “reencontrar” (com aspas porque encontros virtuais não são propriamente encontros) a Profa. Rafaela Scardino, com quem tinha dialogado na banca de qualificação de um orientando e também conhecer as outras organizadoras do simpósio e algumas pesquisadoras da UNC. Desde o início, era fácil notar o contexto harmonioso e acolhedor que unia as participantes, além, é claro, de haver interesse e disposição para debater os trabalhos apresentados.

Faço essa menção ao contexto em que foi apresentado parte deste artigo porque ele se relaciona à nossa discussão e, mais do que isso, possibilita a sua redação, como discutirei adiante. Este texto, como imagino que deveria acontecer quando escrevemos a partir de eventos, foi modificado pelo simpósio, pelas discussões e pelo clima amistoso. Isso se relaciona ao sorriso que já anunciamos desde o título.

Eu não poderia pensar no sorriso como tema de pesquisa antes da pandemia. Sendo mais precisa, eu mal notava sua importância até que as bocas desapareceram atrás das máscaras. Quando tecidos passaram a mediar as palavras, notei que tinha dificuldades de escutar o que o outro me dizia, não

porque a barreira física impedissem a saída do som da boca, mas sim porque ela embaralhava o sentido daquilo que escutava. Notei, assim, que a expressão facial (e mais especificamente o sorriso) não se relacionava de modo direto à voz, mas impunha uma mudança de sentido à fala, que tanto valorizamos nos estudos literários.

O sorriso e outras ausências se fizeram notáveis no ensino remoto. Quantos professores não reclamaram de ter que dar aulas apenas a quadradinhos preenchidos por fotos, por iniciais e raramente por algumas câmeras ligadas? Se é certo que a distância calou algumas vozes, não é possível culpar apenas a ela quanto ao silêncio dos estudantes, pois há aulas presenciais que geram pouca participação ou debate. Desse modo, a ausência reclamada nas aulas virtuais não era da voz, mas da presença. Os corpos fazem toda diferença, mesmo que os estudantes estejam calados. Podemos enxergar no rosto a reação às nossas palavras. Tanto é assim que, mesmo na retomada das aulas com as medidas de higiene, acontecia de estudantes baixarem as máscaras para falar. Por vezes eu dizia: vocês não podem ver, mas estou sorrindo neste momento.

A pandemia, pela ausência, me fez notar o sorriso. Foi também a pandemia, agora pelo transbordamento, que me fez valorizar a ignorância, o segundo eixo central deste artigo. Já fazia o elogio da ignorância nos moldes propostos por Rancière, que discutirei adiante, mas foi com a pandemia, ao nos jogar na cara que o invisível nos escondia a morte, que notei efetivamente o quanto somos ignorantes em relação ao essencial. Ter isso em mente leva também a um novo questionamento sobre o ensino. Afinal devemos sempre sustentar o papel dos especialistas se nosso conhecimento é tão limitado frente ao que desconhecemos? Mais do que manejar novas tecnologias, será que o principal legado da pandemia ao ensino não é o de abraçar a ignorância? Caso façamos isso, como agiremos nas aulas, nos eventos acadêmicos e na vida? Se possível, optaremos mais vezes por sorrir?

As questões acima são excessivamente ingênuas e amplas para um artigo como este. Mesmo reconhecendo essas fragilidades, deixo registradas as perguntas, não porque conseguirei respondê-las, mas porque não quero negar que elas sustentam o objetivo deste artigo. Busco, nas próximas páginas, discutir *O filho de mil homens* de Valter Hugo Mãe, livro que passou a integrar o arquivo das minhas aulas após a pandemia. Sem a intenção de realizar uma análise detida da obra, meu objetivo é traçar uma reflexão sobre como o sorriso e a ignorância figuram ali, trazendo a primeiro plano o que pode parecer pano de fundo. Diferentemente do caminho mais firme da análise literária, olhamos para as sendas da leitura, de modo a refletir sobre como aquilo que figura na narrativa pode inspirar nossas ações na vida, o que certamente inclui as práticas acadêmicas.

II

A pandemia foi um evento em escala global, mas que teve, claro, desdobramentos específicos para cada sujeito. No meu caso, a pandemia, com seu imenso rastro de morte, foi acompanhada pela força da vida, manifestada no pequeno Luca, nascido dois meses antes de encararmos um longo período de isolamento. Passei quase todo meu período de licença maternidade dentro de casa, dividindo os cuidados de um bebê apenas com meu marido, sem rede de apoio ou passeios na praça. Houve, seguramente, grande ganho com esse contato estreito, mas houve também momentos de desespero.

À noite, quando todos já dormiam e eu me recusava a ligar a televisão com suas notícias e números assustadores, recorria à literatura, como fizeram tantos durante a pandemia. No meu caso, alguns livros que possivelmente me atrairiam antes de 2020 não conseguiam captar minha atenção nesse contexto de exceção. Livros que estavam na minha fila de prioridades foram deixados de lado após as primeiras páginas. Pensando que isso acontecia por eu estar imersa na experiência singular da maternidade, passei a buscar obras que de alguma forma tratassem esse tema. Os pacotes com novos livros eram esterilizados e, entre uma mamada e outra, eu me entregava a títulos como: *Morra, amor de*

Ariana Harwicz (2019), *Canção de ninar* de Leila Slimani (2018), *A filha perdida* de Elena Ferrante (2016), *Você nunca mais vai estar sozinha* de Tati Bernardi (2020) ou *As alegrias da maternidade* de Buchi Emecheta (2018).

Não é a intenção aqui discutir os livros citados. De modo bastante impressionista, devo apenas mencionar que as obras, apesar de suas muitas qualidades literárias, não me ajudaram a enfrentar a maternidade, menos ainda a maternidade na pandemia. Eu lia e ficava mais angustiada, sentindo-me ainda mais impotente e solitária diante de todas as demandas trazidas pela chegada de uma criança. Escrevo essas linhas e um sinal de alerta soa em minha cabeça e possivelmente também na de eventuais leitores: calma, a literatura deve ajudar? A literatura deve servir a algum propósito?

Não, a literatura não deve nada a ninguém. Ainda assim, na condição de leitora (não de especialista) na pandemia, eu esperava encontrar algo que não encontrei naqueles livros. Numa generalização grosseira (como é próprio à generalização), podia reconhecer nessas obras a força de retratar a dura transformação ocorrida em mulheres que se tornavam mães. A chegada de um filho alterava não só a rotina, mas a identidade, a possibilidade de uma existência autônoma. Eu reconhecia a força e a relevância de títulos que buscavam desconstruir a imagem idealizada da mãe, cristalizada no “mito do amor materno”, tal como explicado por Badinter (1985). No entanto, apesar de tudo que racionalmente eu valorava naqueles livros, eles me incomodaram muito. Ou melhor dito, eles incomodaram a mãe-leitora que percorreu suas páginas nos raros momentos de descanso em que o filho dormia durante uma pandemia sem fim. Na leitura daquelas obras, eu estava mais próxima da condição de “leitora comum”. Distante no tempo e no espaço das atividades na universidade, aflita com a rotina de cuidar de uma nova vida dentro de casa enquanto só as paredes pareciam afastar a morte, eu estava vulnerável diante da literatura. Este foi o momento em que mais me aproximei da leitora que fui antes do curso de Letras, que buscava a literatura especialmente para ter companhia. A relação entre a jovem leitora do passado e a atual leitora do

presente não é, claro, de identidade, por não ser possível suspender toda a experiência que separa esses momentos, incluindo o conhecimento sobre (e de) literatura. Ainda assim, creio eu, a excepcionalidade do momento me fez, como a tantos leitores durante a pandemia, buscar os livros para resgatar um senso de comunidade que havia sido impossibilitado pelo isolamento.

Foi neste contexto que cheguei a *O filho de mil homens* de Valter Hugo Mãe (2016). Já acompanhava com interesse a produção do autor, especialmente os títulos que compunham a chamada tetralogia das minúsculas (*o nosso reino*, *o remorso de baltazar serapião*, *o apocalipse dos trabalhadores* e *a máquina de fazer espanhóis*). Após encarar a dor e a violência desses livros, tive dificuldade com um título como *O paraíso são os outros* e não consegui passar das primeiras páginas da obra sobre a qual agora escrevo. Como muitas vezes acontece, o livro foi deixado na estante, com a promessa de leitura que raramente é cumprida. A pandemia me obrigou a revisitar com mais atenção os livros que já tinha dentro de casa e, após o desânimo que sentia com minha lista de prioridades e com as novas aquisições, voltei ao livro de capa colorida que traz a maternidade cravada na autoria e a paternidade imensa registrada no título.

Diferentemente do que aconteceu na primeira vez que comecei a leitura de *O filho de mil homens*, agora não conseguia soltá-lo. Era o livro que a leitora-mãe na pandemia desejava, não aquele que a professora-pesquisadora estranhava. Na condição atual, aceitei, desde o princípio, compartilhar a aventura de Crisóstomo, um homem de quarenta anos, que, apesar de seus amores falhados, queria muito ter um filho. Aquele homem solitário, que abraçava um boneco à espera de seu filho, não tinha vergonha de anunciar a todos sua busca, na esperança de que o encontro entre os dois acontecesse. Fazia isso por sentir que faltava sua metade e desejava ser inteiro.

Diante de um livro como *O filho de mil homens*, parece-me que o melhor exercício crítico é simplesmente convidar à leitura, insistindo nesse chamado. Foi isso que fiz com essa obra, que logo passou a integrar meus planos de aula,

sendo então discutido em cursos remotos e presenciais. Por ter uma relação ambígua com o livro (recusado num primeiro momento e devorado numa segunda tentativa), disse aos estudantes que conseguia compreender qualquer reação à obra. E o livro, em aula, sempre mobilizou os afetos, positivos e negativos, gerando forte engajamento na discussão. Aqui, neste texto, para fazer um convite à leitura, concentro minha discussão no capítulo inicial, na esperança de que outros leitores queiram descobrir os meandros de uma obra pautada pelo elogio do viver junto, de estar junto.

É já no início que pai e filho se encontram, não sendo necessário arrastar o leitor por uma busca sofrida. Crisóstomo pede aos homens e à natureza por um filho e, pouco depois, no trabalho, surge um garoto que tinha acabado de perder seu avô, um avô que também não era de sangue, mas era de vida. Crisóstomo abraça o jovem Camilo e lhe pergunta se pode ser seu pai e “o rapaz pequeno olhou o homem grande e disse que sim” (MÃE, 2016, p. 16). Com simplicidade, um laço eterno está estabelecido: sim.

82

Apenas algumas linhas são necessárias para fortalecer o vínculo que parecia existir antes mesmo do encontro de pai e filho. Em pouco tempo, as pessoas até reconheciam semelhanças físicas entre os dois, como os “narizes iguais”. E é também em pouco tempo que Camilo passa a se preocupar com o futuro de seu pai, aconselhando-o a ter uma esposa:

O Crisóstomo respondeu que não lhe faltava nada, estava inteiro. E o rapaz pequeno disse-lhe que então ele devia passar a ser o dobro. Ser o dobro, disse. O pescador abraçou-o de encontro ao peito. Era o seu filho génio, o que sabia matemática e que sabia fazer caldo verde e domesticar os cães como ninguém. Era o seu filho génio, com as palavras que lhe faltavam, talvez com a coragem que lhe faltava. E o homem sorriu. O pescador sorriu, acabando de redobrar a esperança e julgando que outra vez poderia arriscar o amor. (MÃE, 2016, p. 18)

Há poucas palavras sendo efetivamente enunciadas nesse diálogo central para o livro. As respostas do pai, tanto aqui quanto em outras partes do livro, são muitas vezes dadas com o corpo. Crisóstomo abraça e sorri. Em relação ao sorriso, que dura poucos instantes e fica, na citação acima, representada num

período muito curto “E o homem sorriu”, temos, na sequência, a explicação dada pelo narrador, revelando a potência daquele sorriso, mostrando como essa manifestação quase imperceptível significava um ajuste de contas com o passado e a promessa de mudança no futuro. Não é necessário ser conhecedor do futuro, não é necessário elaborar o passado, basta seguir, ignorante de tudo, mas crente na possibilidade da própria ação.

Diante do questionamento do filho, Crisóstomo apenas repete o que aprendeu com o encontro dos dois, ou seja, que estava completo. Mas esse encontro de completude gerou a possibilidade de alargamento. Diante de questões inéditas, novas respostas devem ser formuladas. E essas respostas não precisam ser apenas feitas de palavras, pois a existência do outro possibilita inclusive novos gestos. Há alguém a perguntar e há também alguém a quem sorrir e abraçar. Movido pelo amor e admiração ao filho, o pescador decide se lançar em mais uma jornada de risco. E o livro, uma vez mais, não adia o novo encontro amoroso, pois já ao final do capítulo o pescador encontra uma mulher que olha para o mar do mesmo modo como ele fazia antes de encontrar seu filho: “A falar sem ninguém e para ninguém. Certamente ali só parcial. Uma mulher incompleta.” (MÃE, 2016, p. 19).

83

O livro *O filho de mil homens* tem nas suas primeiras páginas os dois encontros centrais da narrativa. Crisóstomo é um personagem de quem pouco sabemos o passado, visto apenas por breves cenas e pela menção à decepção amorosa. Por conhecer tão bem a solidão, é capaz de reconhecê-la também nos outros. Não age para remediá-la como um gesto de generosidade, mas para ganhar também com a presença alheia. Ele sabe que as incompletudes podem se somar de modo a que todos ganhem. E a obra, nos capítulos seguintes, se desdobra de modo a explicar como os personagens se desenvolveram de forma parcial e dolorida. E mais do que isso, a narrativa, colocada em movimento pelo amor de Crisóstomo, se constitui como uma rede de afeto de personagens falhados. As dores existem, mas elas não determinam o destino. Elas constituem um presente repleto de pequenas e grandes alegrias.

Terminei a leitura do livro, fui ao meu quarto e vi os rostos adormecidos de meu esposo e meu filho. Apesar do medo do desconhecido, agora radicalizado na pandemia e na maternidade, eu sorri e me deitei junto deles.

III

Talvez a seção anterior pareça pouco ajustada a um artigo científico ou talvez pareça que me distanciei demasiadamente do objetivo firmado. Para tentar dirimir eventuais suspeitas, esboço agora algumas explicações.

Como mencionei, minha leitura de *O filho de mil homens*, por sua contingência, foi a que mais se aproximou do que pode ser chamado de “leitura comum”, algo constantemente colocado sob suspeita nos estudos literários. Como mostra Rita Felski, mesmo formas de leituras críticas distintas podem se aproximar em suas restrições quanto aos limites de sujeitos “comuns” diante do texto:

Depth readers and distant readers agree that the responses of ordinary readers require not just amplification but ongoing adjustment and correction. Ordinary readers lose their bearings because of their tendency to take things at face value, their obdurate attachment to what is. In pouring cold water on these inclinations, the critic seeks to shock untrained readers out of their complacency. The work of critical analysis simply is this work of estrangement, the labor of disrupting continuities and severing attachments. (FELSKI, 2015, pp. 83-4).

No meu caso, ao invés de apontar aquilo que se perde numa leitura comum, sinto falta dessa possibilidade. Com isso, penso nos títulos e experiências de que serei privada pelos filtros necessariamente colocados pela leitura crítica. Por considerar certos benefícios da leitura comum, como os vínculos estabelecidos e desejados com a obra, penso na importância de deixar mais visíveis os vestígios de subjetividade que nos conduzem aos livros e dentro deles.

Eu poderia não contar sobre meu encontro adiado com *O filho de mil homens* ou retirar minha admiração pela obra do contexto específico de uma

maternidade pandêmica. Eu poderia fazer isso num artigo acadêmico, mas sei que não faria isso numa sala de aula, justamente por considerar que essas marcas individuais de leitura são um elemento valioso para iniciar uma discussão. Se com a pandemia e as aulas remotas lamentei justamente a falta de interação, não seria um legado dessa experiência buscar mesmo em contextos diferentes, como este artigo, lançar mão de estratégias que pudessem tocar outros leitores?

No simpósio que deu origem a este texto, eu me senti acolhida o suficiente para partilhar alguns aspectos da leitura e do ensino que me deixam normalmente insegura. É muito difícil agir como Crisóstomo, com a coragem de dizer em voz alta aquilo que deseja, sem vergonha, sem receio de julgamentos. Como mencionei no início, houve acolhimento porque havia já estabelecido entre as organizadoras um clima de partilha e generosidade. Havia sorrisos entremeando a seriedade da reflexão sobre os impactos da pandemia no ensino.

85

Eu posso saber a forma que deve ter um artigo acadêmico, posso saber o que é necessário para se ajustar às normas editoriais, como no caso deste livro com suas diretrizes bem definidas, mas eu não consigo apreender a forma do meu pensamento. Eu não sei qual é a melhor forma para escrever o tanto que a pandemia modificou minha relação com a literatura e o seu ensino. A fala, com sua fluidez, com aquilo que se perde entre minha boca e os ouvidos alheios, parece mais ajustada a um pensamento movente. Já o texto escrito, mesmo recorrendo ao “eu”, a algumas impressões e memórias, pode fixar o conhecimento ao invés da ignorância.

A ignorância, que se acentuou para mim com a pandemia, me acompanha há alguns anos devido a *O mestre ignorante* de Jacques Rancière. Esse é um dos títulos que mais vezes trabalhei em sala de aula, precisamente por estabelecer com ele relação ambígua como a que tive com *O filho de mil homens*: fui do rechaço ao encantamento. Num primeiro momento, recusei suas proposições por sua impossibilidade e depois abracei suas ideias por sua simplicidade. Com

a pandemia, o livro ganhou uma dimensão ainda mais significativa para minha compreensão do ensino e da vida.

A obra, como se sabe, apresenta “a aventura intelectual” de Joseph Jacotot, um professor do século XIX, que precisa ensinar francês, sem ter uma língua comum entre ele e seus estudantes. A necessidade faz com que o mestre recorra a uma edição bilingue de *Telêmaco* e peça aos estudantes para aprenderem o texto francês com o apoio da tradução, depois para narrarem uma parte do livro e, por fim, para escreverem em francês o que pensavam da leitura. Jacotot esperava que a tarefa não pudesse ser cumprida. No entanto, foi grande sua surpresa ao ver que os jovens, abandonados a si mesmos, conseguiram desempenhar o atividade como o fariam muitos franceses. Diante desse acontecimento, Jacotot passa a ser movido pela indagação: “Não seria, pois, preciso mais do que querer para poder?” (2007, p.19). Colocada dessa maneira simples, a pergunta pode parecer apenas uma mera formulação retórica para a conhecida afirmação: “querer é poder”. Mas não devemos nos deixar enganar pela aparente simplicidade da questão, pois ela extrapola em muito os limites de uma metodologia de ensino, pois tem uma profunda dimensão política e filosófica.

86

O mestre ignorante é um livro guiado pelo princípio da igualdade entre os sujeitos, mostrando o quanto mesmo nossas bem-intencionadas ações educativas podem ter a igualdade como objetivo, mas assumirem a desigualdade como fundamento. A partir do experimento de Jacotot, Rancière coloca em questão um elemento central do ensino, a explicação, indagando sobre a necessidade de um sujeito explicar a outro o sentido de um texto. A explicação, vista dessa maneira, seria um problema por atestar que nem todos são capazes de entender algo sozinhos. Para ser condizente com tal ensinamento, penso que aqui, como fiz com o livro de Valter Hugo Mãe, eu deva me restringir em minhas explicações, limitando o impulso de resenhista. Fica, assim, uma vez mais, o convite à leitura desse livro instigante, que tem implicações profundas para o que entendemos por ensino e nossa relação com

o outro. No mais, para os fins deste texto, restrinjo-me a trazer algumas reflexões de Rancière para o contexto da pandemia.

Por força da necessidade, Jacotot teve que ensinar valendo-se de seus poucos recursos disponíveis. Também por força da necessidade, professores de todo o mundo tiveram pouco tempo para aprender a manejar dispositivos, a planejar outros tipos de aula, a ajustar-se a uma dinâmica do ensino remoto. Ou seja, nesse contexto específico, como muitas vezes acontece na vida, aprendeu-se sem qualquer mestre. Se fosse de outra maneira, possivelmente faríamos cursos, precisaríamos de aulas e, mesmo assim, talvez sentíssemos que não seríamos capazes de lecionar diante de telas. Mais do que ensinar a manejar uma ferramenta, a pandemia ensinou que não precisamos de especialistas para aprender aquilo que desejamos ou precisamos. Essa lição ficou para professores e estudantes também.

87

Com a pandemia, os jovens, afastados de colegas e professores, ocuparam ainda mais o mundo virtual, inclusive para falar de literatura. Diante desse fato, podemos lamentar eventuais inconsistências desses leitores não especialistas, ou podemos também admirar essa capacidade de desvendar sozinho um livro e depois compartilhar essa experiência com outros.

O elogio da ignorância torna o espaço do conhecimento um campo aberto a todos, não porque os outros podem aprender aquilo que sabemos, como é o pressuposto das instituições escolares, mas sim porque qualquer um pode aprender o que quiser, sem a necessidade de um mestre. Essa afirmação pode erroneamente sinalizar que não haveria mais necessidade de escola ou professores. Na linha de Rancière, porém, haveria antes uma ressignificação dessas instâncias, em que o mestre atua no papel de anunciar que todos “podiam tudo o que pode um homem” (2007, p.38). Mais do que apenas anunciar a potência dos homens, deve-se, mais do que tudo, mostrar, pelo exemplo, em prática, a capacidade de aprender e mesmo de ensinar aquilo que não se sabe. Nesse sentido, a pandemia, com suas aulas em modo remoto,

materializou a igualdade de todos diante do desconhecido. A relação com o conhecimento se torna, como nos mostra Rancière, uma “aventura intelectual”. Isso exige risco, exige disposição. Face ao novo, não basta repetir aquilo que já conhecemos, mas tentar novos caminhos. Com seus devidos limites, é o que tento fazer neste texto, buscando uma nova dicção para alguns incômodos e desejos. Mas será mesmo que o texto acadêmico pode abarcar o incômodo com o já conhecido e o desejo pelo desconhecido?

Para responder afirmativamente a pergunta acima, recorro a uma obra publicada em 2022, no ano do 24º Congresso de Estudos Literários da UFES, que me parece dar forma a uma relação produtiva entre conhecimento e ignorância. *On Not Knowing: How to Love and Other Essays* de Emily Ogden traz um título que parece guardar uma contradição em relação ao subtítulo, pois a negação do conhecimento é logo seguida pela estrutura característica da instrução “how to”. Fica, assim, ao longo de capítulos dedicados a temas variados (como nadar, ouvir ou amamentar), a pergunta: como dar instruções frente ao desconhecido? Em textos breves que não podem esgotar a variedade de assuntos propostos, o caráter instrucional é estilizado pelo desconhecido, indicando que, embora sejamos ignorantes em relação a muitas de nossas ações, ainda assim agimos e dizemos como os outros devem agir.

O livro de Ogden mescla episódios de sua vida cotidiana com a discussão de obras artísticas e teóricas. Mais facetas da autora vão para suas páginas. As referências são restritas e significativas, menos para atestar tudo que se conhece e mais para elogiar aquilo que essencialmente deve ser conhecido. As obras são lidas menos para analisá-las e mais para compor o variado (ainda que breve) arquivo sobre o tema de reflexão. Os textos e a vida são igualmente objetos de leitura por parte de Ogden, que usa o conhecimento de especialista para pensar sobre aquilo que ignora e que é o objeto de seu livro.

Diante daquilo que não se sabe, a única possibilidade é um “sim”, como deu Camilo a seu novo pai. Sempre se chega ao momento do sim com passado e

conhecimento, como Camilo que já carregava um pai falecido. A experiência pavimenta nosso caminho, mas não sinaliza o que virá nas sendas que se colocam diante dos olhos. O sim sinaliza a aceitação da ignorância, uma aceitação que se faz sorrindo, com a abertura para o novo. É sobre isso também o livro de Ogden e o de Rancière. Ambos fazem o elogio da ignorância onde se espera a exposição do conhecimento, como é o caso do ensino ou das formulações instrucionais. É sobre isso também este texto, que deveria contribuir com a cartografia do ensino de literatura durante a pandemia, mas só consegue visualizar as sendas abertas diante de uma professora que apenas com esse acontecimento global entendeu o tamanho de sua ignorância, do seu desejo de ler e discutir livros que permitam sorrir.

IV

A ignorância nos obrigou a aprender um novo modo de dar aula, mas será que entendemos o que é abraçar a ignorância como forma, ou seja, nos arriscando sempre diante de cada aula como se fosse nova, como se fosse única? Se ao invés de tomarmos a pandemia como um legado do conhecimento, mas como uma experiência da ignorância, o que fazemos não só com nossas aulas, mas também com nossas práticas acadêmicas? Se admitirmos não conhecer o melhor efeito de nossos textos, de nossa pesquisa, será que nos abrimos ao desejo de continuar buscando novas formas de escrita, de fala e de relacionamento entre professor e estudante e também entre pares, já que, afinal de contas, todos somos pares, irmanados nessa ignorância?

Quanto ao sorriso, aparentemente secundário num campo dominado pela fala, sentimos sua falta ao desaparecer atrás das máscaras e dos quadradinhos do computador. No meu caso (e talvez seja só um caso muito particular), cercada por uma realidade de muito medo e de muita ternura, quis buscar o sorriso desaparecido na literatura. Nesse contexto, um livro como *O filho de mil homens*, que antes não me interessava, agora tem lugar destacado em minhas conversas e aulas. Esse caso me fez pensar em quantos títulos são impossibilitados de chegarem aos diferentes tipos de leitores. Como eu posso

ler além daquilo que aprendi a ler? Como posso sequer chegar a conhecer aquilo que ignoro?

Após a pandemia, para meus estudantes, quero que ouçam, quero que falem, quero que critiquem, quero que saibam, mas quero que sorriam também. Saber disso me fez levar outros títulos para sala de aula, pensar em outras formas de estar lá e aqui também, neste texto. Com suas possíveis conotações negativas, o sorriso indica uma guarda baixa, que hoje, após sua ausência, busco e aprecio mais. Que o legado da pandemia não seja apenas um arquivo daquilo que aprendemos, mas um lembrete de tudo que não sabemos, manifestado, no nosso caso, numa busca constante por novos objetos, novas leituras, novas formas de estar em sala de aula e falar sobre literatura. Se não voltamos mudos do campo de batalha, como dizia Benjamin (1987, p.198), qual é a nova língua que utilizaremos? Nessa nova língua, será que fará sentido terminar um texto com mais perguntas do que afirmações? Lançar dúvidas como se eu estivesse diante de um rosto sorridente e não de uma tela em branco? Quais as sendas desconhecidas da linguagem que precisamos percorrer para pensar junto a literatura?

90

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". *Obras escolhidas*, volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERNARDI, Tati. *Você nunca mais vai estar sozinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

EMECHETA, Buchi. *As alegrias da maternidade*. Porto Alegre, Dublinense. 2018.

FELSKY, Rita. *Limits of Critique*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

FERRANTE, Elena. *A filha perdida*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

HARWICZ, Ariana. *Morra, amor*. São Paulo: Editora Instante, 2019.

MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2016.

OGDEN, Emily. *On Not Knowing: How to Love and Other Essays*. Chicago: The University of Chicago Press, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SLIMANI, Leila. *Canção de ninar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.